

REFLEXÕES ACERCA DA COMPLEXIDADE DA EJA E DE SEUS SUJEITOS

Reflections on the complexity of eja and its subjects

Maria Carolina Terra Heberlein¹

maria.heberlein@ifg.edu.br

Instituto Federal de Goiás

Anápolis -Brasil

RESUMO: Neste artigo é proposta uma reflexão acerca da complexidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e, conseqüentemente, de seus sujeitos. Portanto, aludindo à concepção de Pensamento Pós-Abissal (SOUSA SANTOS, 2010) e à compreensão de que a EJA é constituída discursivamente como complexa, subalterna e marginal (HEBERLEIN, 2020), o artigo traz uma breve descrição do contexto dessa modalidade de ensino e lista alguns elementos relacionados à situação sócio-histórica e econômica desses alunos que operam como entraves no retorno deles ao ambiente escolar. São citados, por exemplo, o descompasso entre as expectativas desses estudantes que estão retornando aos bancos escolares e o modelo de escola encontrado nesse “retorno”; a estrutura racista sobre a qual se funda nossa sociedade e que oprime grande parte desses estudantes em diversas esferas (social, histórica, econômica); os efeitos do patriarcado, que afeta contundentemente as alunas da EJA, dentre outras questões. Além disso, são discutidos os efeitos do Ensino Remoto Emergencial (ERE), utilizado como alternativa de continuidade do ensino durante o período da pandemia de Covid-19, na realidade da EJA, no IFG.

PALAVRAS-CHAVE: EJA. Pensamento Pós-Abissal. Ensino Remoto Emergencial. Pandemia de Covid-19.

ABSTRACT: This article proposes a reflection on the complexity of the Youth and Adult Education and, consequently, of its subjects. Therefore, alluding to the concept of Post-Abyssal Thinking (SOUSA SANTOS, 2010) and to the understanding that the Youth and Adult Education is discursively constituted as complex, subaltern and marginal (HEBERLEIN, 2020), the article provides a brief description of the context of this teaching modality and lists some elements related to the socio-historical and economic situation of these students which operate as obstacles in their return to the school environment. For example, it is mentioned the mismatch between the expectations of students who are returning to school and the school model they actually find in this “return”; the racist structure on which our society is founded and which oppresses a large part of these students in different spheres (social, historical, economic); the effects of patriarchy, which strongly affect the female students, among other issues. In addition, the effects of Emergency Remote Education in the reality of Youth and Adult Education, used as an alternative for continuing education during the Covid-19 pandemic period, are discussed in this paper.

KEY-WORDS: Youth and Adult Education. Post-Abyssal Thinking. Emergency Remote Education. Covid-19 pandemic.

¹ A autora é professora de Língua Inglesa e Língua Portuguesa no IFG – Câmpus Anápolis.

“Tenho sangrado demais
Tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro”
(Sujeito de Sorte – Belchior)



A epígrafe com a qual inicio este texto é parte da letra de “Sujeito de sorte”², música de Belchior que ilustra brilhantemente a resiliência de milhões de brasileiros e brasileiras que “sangram” diariamente devido à sua dura realidade de vida, permeada por desigualdades sociais que impõem a eles árduas condições de res(ex)istência. No contexto do Período Ditatorial no Brasil, a obra de Belchior representou um importante instrumento de contestação e resistência, constituindo um tempo histórico no qual suas concepções apresentavam demandas de projeção para o futuro. Belchior, ao escrever “Sujeito de sorte” durante essa época, reforçou a importância de resistir, de não aceitar a derrota frente a um tempo tão sombrio. Em 2019, o *rapper* Emicida fez menção

² A música “Sujeito de sorte” foi lançada em 1976, no álbum “Alucinação”, de Belchior.

aos versos de Belchior em “AmarElo”³, como forma de adensar fortes críticas à atual situação política do Brasil, na qual se observa o retorno de uma gigantesca onda reacionária, em que imperam discursos de ódio e intolerância a diversos grupos minoritários, em especial, às pessoas negras, grupos LGBTQ+ e moradores das periferias brasileiras. “AmarElo” transmite uma forte mensagem de empoderamento destinada a essas comunidades, conscientizando acerca das estruturas que impedem a ascensão social dessas pessoas. Os estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), em sua imensa maioria, fazem parte dessa camada populacional tão esquecida, silenciada e apagada em suas dores, demandas e identidades.

A EJA no Brasil é uma modalidade de ensino marcada por uma história de rupturas, na qual, por diversas vezes, programas foram criados, e sistematicamente descontinuados, sem que fosse possível obter o resultado desejado: a extinção do analfabetismo no país. Desse modo, a falta de continuidade e de êxito desses programas já revela algo importante sobre o modo como os sujeitos desse contexto educacional são vistos e tratados em nossa sociedade: de forma leniente, sem prioridade nem tentativa real de reparação histórica pelas mazelas às quais estão expostos há anos.

A complexa realidade na qual estão inseridos os alunos dessa modalidade de ensino representa um dos principais entraves nas possibilidades de retorno deles à escola. Vários estudos acerca da EJA atestam as dificuldades advindas das parcas condições socioeconômica dessa parcela da sociedade (SILVA; SOUZA; QUEIROZ; ONOFRE, 2019; TONELLI; CLEVELARES, 2015; VIÑAL JUNIOR, 2014; WEBER; SCHWERTNER, 2017).

Há diversos elementos relacionados à situação sócio-histórica e econômica desses alunos, aspectos que operam como entraves no retorno deles ao ambiente escolar como, por exemplo, a tripla jornada empenhada pela grande maioria desses estudantes (trabalho, cuidados com a família e estudo) e a baixa assiduidade e atrasos devido ao esgotamento físico e mental. Além disso, a evasão é agravada por vários outros tipos de dificuldades como, por exemplo, a escassez de uma alimentação equilibrada, a falta de materiais escolares suficientes e adequados e as dificuldades de acesso à escola por falta de transporte (HEBERLEIN, 2020).

Além disso, a estrutura racista sobre a qual se funda nossa sociedade oprime grande parte desses estudantes em diversas esferas (social, histórica, econômica). De acordo com dados da

³ A música “AmarElo” foi lançada em 2019, no álbum de mesmo nome, de Emicida.

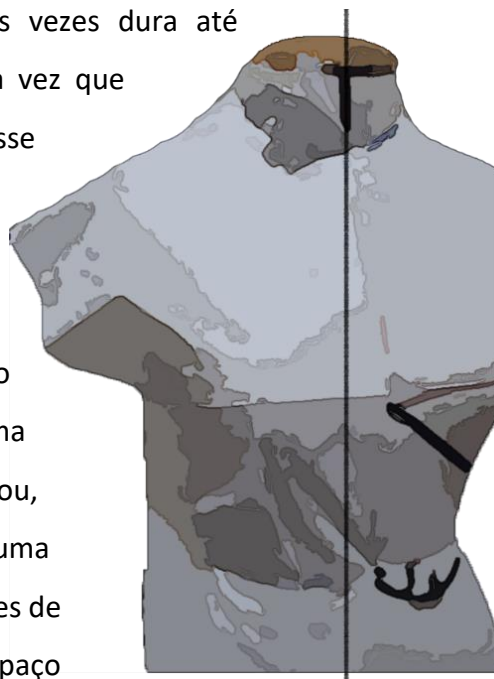
Plataforma Nilo Peçanha⁴, em 2018, por exemplo, a EJA, no IFG, era composta por 59,37% de pardos e 16,01% de pretos. O racismo é um fator basilar, e estrutural, na condição socialmente marginalizada ocupada pelos alunos dessa modalidade e influencia sobremaneira a dificuldade de permanência e êxito dessas pessoas no ambiente escolar.

O recorte de gênero é fator importantíssimo no bojo dessa discussão. Devido aos efeitos da estrutura machista na qual se funda nossa sociedade, as alunas da EJA acabam sofrendo com um obstáculo extra. Geralmente, são elas as responsáveis pelos cuidados com os filhos e atividades domésticas, mesmo quando, além disso, também trabalham fora e contribuem financeiramente para o orçamento da família. Ademais, inúmeras vezes essas mulheres são impedidas de frequentar a escola por ciúmes de seus cônjuges ou, ainda, pelo medo que eles têm de que elas atinjam uma qualificação superior à deles.

Portanto, devido a esse intrincado contexto sócio-histórico, econômico e cultural, a EJA é atravessada por uma forte exclusão em vários níveis (social, econômico, cultural), o que expõe seus estudantes a uma complexa situação de vulnerabilidade social. Além das questões elencadas anteriormente, há ainda dificuldades relacionadas aos impactos dessa exclusão na afetividade e saúde mental desses alunos. Nessa perspectiva, várias limitações surgem da autopercepção negativa que esses sujeitos podem ter de si mesmos, comprometendo, muitas vezes, a forma como eles se percebem e se colocam na sociedade, inclusive no ambiente escolar.

⁴ <http://plataformanilopecanha.mec.gov.br/2019.html>.

O aluno da EJA, em muitos casos, retorna aos bancos escolares depois de muitos anos afastado desse ambiente. Esse afastamento, que muitas vezes dura até décadas, impacta bastante a retomada dos estudos, uma vez que acarreta um enorme descompasso entre as expectativas desse estudante e o modelo de escola que ele encontra nesse “retorno”. A função desse retorno, é preciso ressaltar, é mais o de cumprir um papel emancipador do que o de simplesmente recuperar um tempo perdido de escolarização (CORTADA, 2013). Nossa sociedade vem testemunhando uma revolução tecnológica nas últimas décadas e isso impactou, dentre outras esferas da nossa vida, a escola. Portanto, há uma gama de novas tecnologias, novas metodologias e concepções de ensino que fazem da escola como a conhecemos hoje, um espaço muito distinto do que esses estudantes conheciam quando interromperam seus estudos. “Acertar o passo”, nesse retorno, é um desafio enorme enfrentado por esse aluno e, por essa razão, o acompanhamento feito pela equipe escolar como um todo (professores, psicólogos, pedagogos etc.) é fundamental.



Além das questões elencadas acima, outro percalço que impacta contundentemente o retorno desses indivíduos à escola é a falta de capacitação de professores e demais profissionais, para a lida com as especificidades da EJA. Por diversas vezes, esses estudantes são rotulados como “incapazes” e “coitados”, o que acaba insuflando uma tendência de tutela que mina o processo de emancipação desses sujeitos.

Diante de tanta complexidade, incorremos no perigo da caracterização dos estudantes da EJA apenas a partir de suas agruras, acabando por estereotipá-los e desumanizá-los. Desse modo, é de suma importância observar, também, a riqueza desse contexto em tantas camadas. É extremamente necessário conhecermos os desafios inerentes a esse contexto educacional, porém, é preciso, também, observar e valorizar os inúmeros aspectos positivos apresentados pelos alunos da EJA. Um olhar atento, que valorize as incríveis histórias de vida dessas pessoas, a extensa bagagem cultural trazida por elas é essencial para que a ação educativa possa agir a partir dessas premissas e, não apenas, de suas dificuldades.

A EJA é uma modalidade de ensino constituída discursivamente como complexa, subalterna e marginal (HEBERLEIN, 2020). Complexa, pois se funda sobre uma variada gama de fatores sócio-históricos que são diuturnamente reiterados discursivamente por um pensamento colonial (SOUSA SANTOS, 2010). Subalterna, uma vez que seus estudantes ocupam um lugar de subordinação, obediência e submissão dentro das relações de poder que regem nossa sociedade. Marginal, já que está localizada perifericamente no extrato social.

Nessa perspectiva, as relações de poder que atravessam esses discursos sobre a EJA, também segregam e dividem o mundo em dois lados separados por uma linha abissal. Sousa Santos (2010, p. 33) afirma que, “as distinções intensamente visíveis que estruturam a realidade social deste lado da linha baseiam-se na invisibilidade das distinções entre este e o outro lado da linha”. Dessa forma, é importante perceber o modo como a ação do poder sobre o saber determina e separa os sujeitos que estão de cada lado da linha abissal. Portanto, o mundo se separa em duas metades divididas por relações de poder. De um lado, imperam os sujeitos que detêm o discurso hegemônico e que, por isso, podem falar. Do outro lado, estão pessoas como os alunos da EJA, silenciados e apagados por meio da desvalorização, ou, se preferirmos recuperar os versos de Belchior, aqueles que “sangram demais” e têm “chorado pra cachorro”.

Em 2020, a instalação da pandemia de Covid-19 trouxe uma série de complicadores para a realidade dos estudantes da EJA que, somados aos percalços já enfrentados, agravou a situação dessa modalidade de ensino. A implantação do Ensino Remoto Emergencial (ERE), adotado como alternativa para a continuidade das aulas em meio ao isolamento social, o desemprego, que atingiu uma parcela significativa de brasileiros, bem como as controversas medidas do governo na contenção da pandemia, acabaram por tornar mais complexa uma situação que já era desafiadora em várias esferas.

Dessa forma, novos desafios apareceram no horizonte e, mais uma vez, as dificuldades inerentes à realidade da EJA foram atualizadas e intensificadas. A inadequação do ambiente doméstico para o acesso ao ERE, a escassez de recursos tecnológicos e a falta de familiaridade com as tecnologias, os desafios emocionais impostos pelo isolamento e a falta de uma rede de apoio para que houvesse tempo e espaço para os estudos em casa foram alguns dos desafios somados às dificuldades que já existiam antes da pandemia.

Apesar disso, é evidente uma capacidade de superação colossal nesses estudantes. Na minha experiência como professora de Língua Inglesa e Língua Portuguesa, nesse contexto, testemunho diariamente meus alunos e minhas alunas da EJA lutarem contra um sistema que não os beneficia em nenhuma medida e tentam, à custa de muito esforço, acessarem essa educação gratuita e de qualidade que é deles por direito.

Assim, mesmo em um ambiente doméstico em pleno funcionamento, meus alunos(as) abrem microfones e câmeras e participam ativamente das aulas online, mesmo utilizando aparatos tecnológicos pouco adequados, tentam acessar a plataforma e realizar as atividades propostas, mesmo sem nenhum treinamento anterior, aprenderam a manusear tantas ferramentas tecnológicas ao longo dos últimos meses. É importante ressaltar que, apesar de essas atitudes representarem a resiliência e a resistência desses estudantes, não devemos incorrer no erro de disseminar um discurso meritocrático escravizante que os denomina como “guerreiros(as)”, ao invés de atacarmos as causas dessa situação periclitante à qual estão submetidos. É preciso inverter a perversa lógica vigente de um sistema que os oprime, operar adequações para que esse esforço hercúleo que precisam fazer, não seja mais necessário.

Portanto, percebemos que os versos de Belchior são extremamente acertados para descrever a força e capacidade de superação dos sujeitos da EJA. Apesar de estarem submetidos a uma ordem social que os faz “sangrar demais” e “chorar pra cachorro”, os estudantes dessa modalidade são resilientes, vetores de uma capacidade de recomeço extraordinária. Se pensarmos que esses indivíduos foram simbolicamente “mortos” no “(ano) passado” por meio do silenciamento e apagamento sociais aos quais estão submetidos, temos esperança, e lutamos, para que “esse ano não morram”.



REFERÊNCIAS

CORTADA, S. A EJA, um território de compassos e descompassos. In: CORTADA, S. (Org.) *EJA – Educação de Jovens e Adultos e seus diferentes contextos*. Jundiaí, Paco Editorial, 3013.

HEBERLEIN, M. C. T. *A constituição discursiva da EJA no IFG a partir das representações de professores de LE, alunos, coordenadores e documentos institucionais*. Tese. Faculdade de Letras, UFG, Goiânia, 2020.

SILVA, R. de C. S. da; SOUSA, E. A. A.; QUEIROZ, J. M. A. de; ONOFRE, J. A. As causas da evasão escolar na EJA: uma concepção histórica. *Revista EJA em debate*, Ano 8, n. 13. IFSC, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/2546>

SOUSA SANTOS, B. de. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (Orgs.) *Epistemologias do Sul*. 2010.

TONELLI, Elizangela; CLEVELARES, Giovanna Tonelli. Um olhar sobre as especificidades da EJA e a adequação do material didático. *Revista Científica Interdisciplinar*. nº 4, volume 2, artigo nº 1, out/dez 2015. Disponível em: <http://revista.srvroot.com/linkscienceplace/index.php/linkscienceplace/article/viewFile/146/85>

VIÑAL JUNIOR, J. V. Reflexões sobre inclusão social, ensino e aprendizagem de língua estrangeira e educação de jovens e adultos. *Revista EJA em debate*, Ano 3, n. 5. IFSC, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/1467>.

WEBER, D. M.; SCHWERTNER, S. F. Ser professor: reflexões sobre a formação e a docência na Educação de Jovens e Adultos. *Revista Eletrônica de Educação – REVEDUC de São Carlos*. v. 11, n. 3, 2017 Universidade do Vale do Taquari, UNIVATES, Lajeado/RS, Brasil. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/2017> .